Análise fotográfica de manifestações populares no Chile: da ditadura de Pinochet à democracia de Piñera[1]

Nathalia Williany Lopes de Sousa[2]
Universidade Federal da Paraíba
Vítor Tiriba[3]
Universidade Estadual da Paraíba

RESUMO

O artigo examina imagens selecionadas de manifestações públicas chilenas realizadas no espaço-tempo de 2019 e 2020, em comparação com duas imagens da década de 1980. Sob a proposta de um foto ensaio, a seleção de imagens incorpora uma análise contextual de dinâmicas sociopolíticas em que as imagens estão inseridas, de forma a resgatar e assimilar registros históricos e contemporâneos. Desse modo, identifica-se a historicidade de sujeitos, demandas, disputas de narrativas e projetos políticos que atualmente vociferam no Chile; porém, que se enraízam em uma constante luta e combatividade que se contrapõe a aspectos ditatoriais e coloniais, que persistem hodiernos. Em seu fim, obtêm-se como produto um manifesto da fotografia política, enquanto documento e instrumento: de denúncia, disputa, memória e tributo a uma América Latina em chamas.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Chile; Análise de imagem; América Latina.

"(...) El poderoso quiere fuego
Y van a tener fuego"
(En primera línea, BorderLine)

Introdução: O sensor político da fotografia documental

O sensor capta, converte e permite a constituição da informação recolhida, a fim de se formar uma imagem. Ao intitular a presente seção elencando um dos dispositivos mecânicos da câmera fotográfica, metaforicamente apresenta-se a ideia de como o ato de documentação está imbuído da ciência do pensamento crítico, expresso na política e sob gerência da ordem humana.

Isto é, a *política*, conforme recapitulada por Bobbio (2004), é preenchida por noções de poder, relação amigo-inimigo, moral e ética (BOBBIO, p. 954-962). No ato de documentar espaços, seres e relações, a pessoa social por trás da câmera, com suas noções políticas, identifica, processa e regula o que formará o seu registro e impactará na imagem final. Essa imagem possuirá

[1] Trabalho apresentado no GT "Fotografia documental".
[2] Estudante de Graduação no 7º semestre do Curso de Relações Internacionais da UFPB, e-mail: nathaliawilliany@hotmail.com
[3] Estudante de Graduação no 6° semestre do Curso de Relações Internacionais da UEPB, e-mail: vitor.tiriba@aluno.uepb.edu.br

uma narrativa a ser difundida amplamente, com impactos na formação de opinião do público receptor e sendo capaz de determinar sua interpretação sensorial (GOUVEIA, 2020), de forma que se interfira na adesão ou recusa à pauta abordada. Com essa noção rudimentar da propriedade política do instrumento fotográfico, inicia-se na primeira seção deste artigo uma modesta recapitulação dos acontecimentos e dinâmicas políticas que antecedem a ainda jovem redemocratização ocorrida no Chile. Em seguida, incorpora-se a essa introdução a realização, em duas seções, de um foto ensaio que objetiva explorar as narrativas fotográficas das manifestações chilenas, a partir de registros selecionados de atos públicos ocorridos no ano de 2019 e 2020.

O foto ensaio fora idealizado após um encontro de discussões promovido pelo projeto de extensão universitária *Soy Loco por Ti America* Cineclube, que por meio do cinema nos confere uma expedição à América Laitna através de filmes[4]. Na sessão em questão, que incentivou a presente escrita, dialogou-se sobre a história e conjuntura chilena a partir do documentário '*La ciudad de los fotógrafos'* (A Cidade dos Fotógrafos, 2006, tradução nossa), do cineasta chileno Sebastián Moreno. Em específico, focou-se na atuação fotográfica no Chile durante a ditadura de Pinochet e na contemporaneidade, nas manifestações do ano de 2019. Neste sentido, como metodologia adotada, o recorte temporal para seleção de imagens a serem analisadas fora definido considerando o espaço expositivo permitido pelas páginas do presente documento, a fim de se garantir uma análise concisa, mas não generalizada. Isto é, com a seleção, exposição e discussão de duas imagens do ano de 2019 e 2020, em comparação com duas imagens da década de 1980, pode-se dedicar maior rigor analítico para a apresentação de sujeitos e espaços registrados, simbologias e demandas identificadas, e noções contextuais historicamente envoltas.

O critério de seleção das imagens analisadas parte da busca de dois elementos invariáveis em cenários de manifestações chilenas: a figura militar dos *carabineros* e o monumento do general Baquedano. A partir dessa busca, a seleção definiu-se esteticamente, para garantir considerações sobre técnica,

[4] O projeto de extensão universitária "Soy Loco Por Ti America Cineclube", ligado à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), atua há mais de três anos transmitindo filmes e promovendo debates de produções audiovisuais feitas por latinoamericanos ou que abordem questões da América Latina.

perspectiva e composição da imagem. Para garantir o embasamento teórico, foi realizada uma revisão bibliográfica condicionada a obter entendimento acerca da recente história chilena e análise de imagens. Em seu fim, obtêm-se um manifesto da fotografia enquanto documento e instrumento: de denúncia, disputa, memória e tributo.

Chile: do socialismo por vias eleitorais à ditadura militar e o neoliberalismo

As reivindicações populares que vociferaram no Chile em 2019, possuem suas insatisfações engendradas em uma era que se iniciou na ditadura militar de Augusto Pinochet. Em 1970 foi eleito, democraticamente, o primeiro socialista à presidência da república em um país da América Latina, Salvador Allende. Em confronto à expressa insatisfação estadunidense[5], — país considerado força motriz do sistema neoliberal —, Allende projeta uma série de reformas estruturais no Chile, tais como estatização de empresas privadas e aumento significativo do salário mínimo, possuindo grande apoio popular das classes econômicas mais baixas, onde “Durante o primeiro ano da presidência de Allende, o salário rural médio aumentou 75%” (WINN, 2010, p.118).

No dia 11 de setembro de 1973, seu ex-general do exército, Augusto Pinochet, amparado pelo governo estadunidense, preparou um ataque ao Palácio de La Moneda, dando início ao golpe militar que depôs Salvador Allende. A partir disso, o Chile, que buscava a distribuição de renda e a equidade, passa por uma transformação radical onde as elites teriam ainda mais poder, beneficiadas pelo alinhamento à política imperialista e aos *Chicago Boys*. Pinochet instaura o modelo econômico neoliberal e passa a governar um dos regimes mais violentos do continente.

Após décadas de uma ditadura de perseguição, censura, tortura e mortes de pessoas em oposição ao golpe militar, e mesmo com a redemocratização chilena iniciada na década de 1990, a política econômica no país não passou por grandes mudanças estruturais e a constituição, vigente do país até 2021, permanece aos tempos de Pinochet. O governo ditatorial era tido como referência pelos defensores do neoliberalismo, e o crescimento do

[5] JOFFILY, Mariana. A política externa dos EUA, os golpes no Brasil, no Chile e na Argentina e os direitos humanos.

PIB, superior à média dos países latino-americanos, era propagado como a construção de um país de democracia consolidada, economia desenvolvida e bem estar social elevado.

No entanto, os protestos de 2019 demonstraram o contrário. Os anos de crescimento econômico, sem equidade, foram também os anos do crescimento da concentração de renda, onde a população chilena continuava a sofrer com a austeridade e com as privatizações. Assim, com o aumento de 30 pesos na passagem de metrô, têm-se o estopim para a explosão de insatisfação de diferentes setores chilenos que, alardeando à falta de políticas públicas, reivindicam seus direitos que foram negados por anos. Sob o comando do conservador Sebastián Piñera, presidente do Chile, o exército foi um dos atores presentes nos conflitos, e o principal responsável pela truculência de contenção aos manifestantes. As manifestações foram tomando uma proporção cada vez maior, recebendo adesão popular e, mesmo com a revogação do aumento da tarifa do metrô, toda a repressão aos atos permaneceram constantes. Com o fotojornalismo, os acontecimentos e as demandas populares chilenas em 2019 tomaram uma posição de destaque mundial.

***La caída de Baquedano:* os ditadores estão mortos e a América Latina está em chama**

Como primeiro objeto de análise para o presente foto ensaio, fora selecionada uma imagem de cunho fotojornalístico, registrada pelo fotógrafo Paulo Slachevsky, diretor e cofundador da editora independente Lom, iniciada na década de 1990, e que passa a acompanhar a transição democrática chilena após dezessete anos da ditadura civil-militar comandada por Augusto Pinochet.

Figura 1 - Estátua do general Baquedano

Fonte: Paulo Slachevsky, TAB UOL, 2020.

O registro em questão fora capturado em 16 de outubro de 2020, na institucionalmente nomeada Praça Baquedano, porém popularmente conhecida como Praça Itália e habitualmente referenciada como Praça da Dignidade, em oposição à homenagem realizada durante o governo do militar Carlos Ibáñez no ano de 1938, em tentativa de exaltação memorial à atuação – controversa e caracterizada como ditatorial e genocida[6] – do General Manuel Baquedano.

A fotografia foi publicada em 2021 no canal de notícias 'TAB UOL: Repórteres na rua em busca da realidade', sob matéria com a chamada "Como a estátua de general Baquedano virou foco de manifestações no Chile" (TAB UOL, 2021)[7]. Posto isso, compreende-se que o registo incorpora-se a uma cobertura fotojornalística amparada em seu caráter preciso e informacional, com a seguinte leitura: duas figuras jovens escaladas em uma estátua, intervista por um grafite e uma tinta vermelha, sendo que um dos jovens hastea em seu braço a bandeira do Chile.

Entretanto, apesar da objetividade em ilustrar um momento, a imagem não está desprovida da "Fantasia liberta de todo laço com o real" (BARBALHO, 2005, p.146). Isto é, conforme o público receptor se depara com a imagem, impacta-se com uma cena não usual, cuja perspectiva e elementos de composição garantem uma sensação atípica de personificação e simbologia de uma luta e resistência.

Neste sentido, ao observar a imagem, identificam-se dois sujeitos, com faces parcialmente encobertas por máscaras de proteção – sob o contexto de prevenção ao vírus pandêmico da COVID-19 – e vestes escuras, dando a interpretação estética de descrição, e a simbologia de uma ordem comum organizada, Faz-se supor, ainda, o intuito de disfarce, sob o contexto de manifestações cuja escalada de contenção e repressão requer hábil dispersão de manifestantes organizados.

Além da compreensão identitária, que os caracteriza como manifestantes, protagoniza-se no registro a atenção para a intervenção na

[6] Ver "A morte e a festa: Os chilenos se preparam para criar uma nova Constituição – e um novo país" em https://piaui.folha.uol.com.br/morte-e-festa/.
[7] Disponível em < https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2021/04/06/removida-sob-protestos-estatua-de-general-baquedano-e-controversa-no-chile.htm?foto=1 > Acesso em: 20 out. 2021.

estátua do general Baquedano, coberta de tinta vermelha – permitindo supor uma crítica de aspecto sanguinário à figura do militar, como também, demarca a sobreposição de uma cor usualmente assimilada à oposição ideológica de esquerda – acompanha uma palavra de ordem. Com isso, é explícito o objetivo de fala e, portanto, disputas de narrativa, em contraposição a um cenário convencional de exaltação a figuras militares, que caracteriza a história chilena e engendra discussões em torno de resistência ao autoritarismo, ditadura, perseguições e assassinatos políticos.

Figura 2 - Celebração do resultado do Plebiscito de 1988 sobre estátua do general Baquedano

Fonte: TAB UOL, 2020.

Em assimilação à memória da imagem, como observa-se no registro acima, capturado em 1988, vê-se que a mesma estátua já fora alvo de inúmeros protestos, em torno de questões similares. Nesse sentido, a Foto 2 documenta o momento onde três sujeitos, sendo um deles segurando um cartaz que estampa a frase '*¡Adiós general!, ¡La alegría ya!*' (Adeus, General! Alegria já!, tradução nossa), celebram em massa o resultado do plebiscito chileno de 1988, que iniciou o processo de ruína da ditadura de Pinochet e deu início à redemocratização chilena, pela garantia do retorno da realização de eleições gerais no país. Posto isso, reafirma-se a historicidade combativa de sujeitos chilenos pela democracia e contra o autoritarismo, reforçando o entendimento de que as manifestações ocorridas em 2019 e 2020 no Chile não se restringem a aspectos conjunturais de desigualdade social e revolta ao aumento das passagens de metrô; tendo sido esses eventos, em realidade, o estopim do dito *estallido social*, que compõe uma permanente e ostensiva

resistência a personalidades militares autoritárias que governaram o país, e cujos projetos políticos e econômicos neoliberais permanecem danosos aos povos e território chileno.

Como desdobramento vitorioso a essa combatividade, o país passa em 2021 pelo processo de reescritura de uma nova constituinte – presidida pela acadêmica Elisa Loncón, de origem mapuche, povo massacrado por atuações de políticos militares chilenos. Com o fim da antiga constituição inaugurada por Pinochet, a nova constituição deverá trazer a inserção de demandas protagonizadas por um Chile desperto, incorporado por segmentos estudantis, trabalhadores e identitários.

Chile sob Pinochet e Piñera: um olhar fotográfico à repressão dos *carabineros*

Figura 3 - Enfrentamento entre manifestante e carabinero durante protesto de 1984

Fonte: Claudio Pérez, 1984.

O registro fotográfico acima é de autoria de Claudio Pérez, fotógrafo chileno que documentou a ditadura militar durante o governo de Pinochet. Claudio, enquanto liderança do movimento estudantil, desistiu do exílio no Brasil para prosseguir com a cobertura fotográfica e atuar politicamente contra a repressão no Chile. Suas fotografias são essenciais para os estudos do fotojornalismo e da história do país. Na presente imagem, analisa-se militantes políticos em capital chilena enfrentando *carabineiros* que buscavam repreender as manifestações. A foto de Claudio Pérez foi selecionada, neste presente artigo, por representar a repressão na ditadura e compreende a importância dos registros do fotógrafo para a história da resistência chilena.

Mesmo a ditadura pinochetista tendo seu fim oficial na década de 90, a herança ditatorial chilena é inegável. O continente latino-americano, no geral, passou por décadas marcadas pela repressão aos movimentos populares e sofreu com a violência propagada pelo Estado. Em ambas as fotografias analisadas nesta seção do presente artigo identifica-se dois importantes atores dos conflitos: manifestantes e policiais, mesmo em épocas e contextos políticos diferentes as imagens possuem um elo narrativo em comum: a repressão policial.

Figura 4 - Prisão de manifestante durante os protestos de 2019

Fonte: Ivan Alvarado, Reuters, 2019.

Os registros fotográficos são importantes fontes para a compreensão da participação popular e da atuação do Estado. A figura acima foi selecionada a fim de traçar um paralelo com a figura anterior, como forma de retratar a atuação policial no Chile pós-ditadura. Em 2019 trabalhadores e estudantes se depararam com cenários que se aproximavam de uma guerra civil ou de um processo revolucionário, tanto na era de Pinochet quanto de Piñera. Por meio da fotografia é possível perceber a relação da população com os policiais. Nesse sentido, é importante pontuar as diversas formas de repressão que o governo de Piñera utilizou, na tentativa de desencorajar as manifestações em 2019. Por conta dos protestos, o responsável pela segurança da região metropolitana de Santiago e Chefe da Defesa Nacional, general Javier Iturriaga, ordenou o toque de recolher na capital chilena, algo jamais vivenciado depois da redemocratização.

O papel da fotografia nos protestos no Chile em 2019 e 2020 é evidente, pois “A atenção pública é guiada pelas atenções da mídia - ou seja, de forma mais categórica, pelas imagens. Quando há fotos, uma guerra se torna “real”.’

(SONTAG, 2003). Por outro lado, as pessoas que estavam registrando os conflitos também se tornaram alvo da repressão. Mais de 300 pessoas perderam a visão, seja parcial ou completa[8], durante a cobertura dos atos, entre elas fotógrafos e jornalistas, enquanto o mundo olhava as brutalidades e atrocidades cometidas contra os manifestantes.

Com a fotografia e os meios de comunicação foi possível dar dimensão global aos acontecimentos chilenos de forma imediata. Internacionalmente, o país que era visto como um exemplo de "democracia plena" agora passara a ser visto sob outras perspectivas, marcadas pela repressão aos movimentos populares que ali vociferavam contra as políticas neoliberais.

Considerações finais

Conforme identificou-se que a pessoa social atuante na fotografia realiza a cobertura, difusão e gera discussões em torno das imagens criadas, justifica-se o presente artigo como academicamente fértil, social e politicamente relevante. Isto, pois, na ordem do dia de cenário contemporâneo latino-americano, o artigo examina documentações de protestos chilenos, identificando sujeitos, demandas e ilustrando a disputa de narrativas e projetos políticos manifestada em atos públicos.

As análises fotográficas realizadas auxiliam a compreender os acontecimentos históricos pelo olhar da fotografia. Dessa forma, a narrativa apresentada faz referência aos milhares de militantes presentes nas ruas contra a repressão militar, sendo em vias democráticas ou ditatoriais, a atuação violenta dos *carabineiros* contra os ativistas e a revolta popular.

Os atos de 2019, que possuíram grande apoio da sociedade civil e cobertura fotojornalística relevante, expuseram o debate da necessidade de reformas estruturais na constituição chilena de maneira global. No ano seguinte, 2020, o país passou por plebiscito e eleições para uma nova constituinte, com o objetivo de construir uma nova constituição que seja verdadeiramente democrática e garanta os direitos aos cidadãos, mais um passo para superar a herança ditatorial.

---

[8] Disponível em: < https://brasil.elpais.com/internacional/2019-12-21/olhos-feridos-das-revoltas-no-chile-senti-o-impacto-no-olho-cai-no-chao-saia-muito-sangue.html > Acesso em: 21 out. 2021.

REFERÊNCIAS

BARBALHO, Alexandre Almeida. **Corpos e mentes dilacerados:** o grotesco nas imagens da seca de 1877. Revista de História UFC, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 139-150, 2005.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicole e PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política.** São Paulo: Editora UNB. Imprensa oficial; 2004.

FOLHA DE S. PAULO: PIAUÍ. **A morte e a festa: Os chilenos se preparam para criar uma nova Constituição – e um novo país.** 15 jan. 2021. Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/morte-e-festa/> Acesso em: 20 out. 2021.

GOUVEIA, B. R. **Fotojornalismo:** um olhar além da imagem. III Grão Fino: Semana de Fotografia. Campina Grande, PB, 2020.

JOFFILY, Mariana. **A política externa dos EUA, os golpes no Brasil, no Chile e na Argentina e os direitos humanos**. Topoi (Rio de Janeiro) [online]. 2018, v. 19, n. 38

MENDIZÁBAL, Maria Antonieta. Chile, Trinta Anos Por Trinta Pesos: Direitos Humanos, Justiça de Transição e as Manifestações Sociais de 2019. **Polifonia - Revista Internacional da Academia Paulista de Direito.** N. 6, p. 01-40, 2020.

REDAÇÃO NSC. **Conheça a história do fotógrafo chileno que desistiu do exílio no Brasil para fotografar o regime Pinochet.** 28 set. 2013. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/conheca-a-historia-do-fotografo-chileno-que-desistiu-do-exilio-no-brasil-para-fotografar-o#> Acesso em: 21 out.2021

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros.** São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2003.

TAB UOL. **Como a estátua de general Baquedano virou foco de manifestações no Chile.** 6 abr. 2021. Disponível em <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2021/04/06/removida-sob-protestos-estatua-de-general-baquedano-e-controversa-no-chile.htm> Acesso em: 20 out. 2021.

WINN, Peter. **A Revolução Chilena.** São Paulo: Editora UNESP, 2010.